

DUARTE, Lélia Parreira (Org.) *As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas*. Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2006, 378 p.

Da morte e suas máscaras

por Gregório Dantas¹

A escolha de Perséfone como imagem para representar o grupo de estudos criado em 2003 na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais não poderia ser mais adequada. Condenada a viver alternadamente entre o Olimpo e o Hades, Perséfone é a personificação da contradição inerente à palavra literária e dos temas mais caros ao referido grupo de estudos: a morte e suas figurações na literatura contemporânea, e a constituição do sujeito literário dentro do que Maurice Blanchot chamou de “literatura do não”. Os resultados têm sido muitos, dentre eles a realização de simpósios e uma vasta produção ensaística, parte da qual foi agora reunida no volume *As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporâneas*, organizado por Lélia Parreira Duarte.

O *corpus* destes 15 estudos é constituído em sua maioria por textos ficcionais, o que não impede o interesse por determinado recorte poético. Embora a principal referência teórica seja Blanchot, as análises literárias não tendem à uniformidade, pelo contrário: o repertório ficcional e poético aqui analisado, de Guimarães Rosa a Lobo Antunes, de Lya Luft a Ruy Belo, aponta para ricas e múltiplas figurações. Da morte e da escrita.

Dentre os autores analisados, destaque para António Lobo Antunes. Segundo José Maria Cançado, que assina o prefácio do livro, a ficção de Lobo Antunes é como “território experimental dessa paradoxal ecologia do sujeito que é a morte na literatura” (p.13). De fato, é o que fica evidente no ensaio de Silvana Maria Pessoa de Oliveira, dedicado aos livros *Esplendor de Portugal* e *A morte de Carlos Gardel*: no primeiro, oscila-se entre diversas representações da morte, do tom lírico ao farsesco; no segundo, a morte é associada ao canto, de modo similar ao que Blanchot chamou de “morte contente”.

¹ Doutorando em Teoria e História Literária (Unicamp/CNPq).

Morte cuja proximidade pode promover um olhar retrospectivo em relação à vida, como nos romances de Mário Cláudio, *Órion* e *Ursamaior*, analisados respectivamente por Dalva Galvão e Maria Theresa Abelha Alves. Nestes livros, descortina-se um sentido no olhar para o passado, a fim de se compreender as experiências próximas da morte vividas por seus personagens. O conhecimento daí oriundo, porém, não é necessariamente edificante ou unívoco. O caráter fragmentário e não linear de *Órion*, ou o jogo de disfarces de *Ursamaior*, sugerem outros e arditos caminhos: o da complexa e contraditória significação literária.

A revisão do passado, em outros romances analisados, é levada a cabo não pelos que partem, mas por aqueles que ficam. É assim no conto “A defunta”, de Teolinda Gersão (lido por Maria Lúcia Lepecki), e nos romances *Até o fim*, de Vergílio Ferreira (lido por Luci Ruas) e *O quarto fechado*, de Lya Luft. No ensaio dedicado ao último, Ettore Finazzi-Agrò enfatiza como a experiência da morte esbarra nos limites da representação literária: a prosa de Luft se torna poesia exatamente ao “girar em volta daquela encruzilhada insituável entre a morte e a linguagem” (p.120). Em comum, os três ensaios localizam as dificuldades dessa representação em textos que, ainda nas palavras de Finazzi-Agrò, buscam “testemunhar o intestemunhável, que é o fim inconfessado da grande literatura” (p.131).

Tal contradição engendra a catástrofe: Ida Ferreira Alves, ao analisar a poética de Ruy Belo, enfatiza que, para o poeta português, a morte (ou o receio dela) é a verdadeira fonte da arte. Sendo a palavra uma “forma de vazio” ou um “espaço de ausência”, o ato da escrita é encarado como um “enfrentamento da angústia gerada pela sensação de incompletude e catástrofe que marca a nossa humanidade” (p. 141). Sentido semelhante de catástrofe pode ser compreendido em *Sinfonia em branco*, de Adriana Lisboa, e *Eles eram muito cavalos*, de Luiz Ruffato, analisados por Maria de Santa-Cruz em “Tanatogramas”. O livro de Ruffato, por exemplo, de certo modo anuncia a morte da palavra e a incapacidade da linguagem literária em expressar a vida que se propõe representar: na “incapacidade de expressão total (acabada e perfeita)”, a literatura “é em si mesma (...) a morte” (p.232). Tensão que é afinal a de toda poesia, como mostra Wagner Moreira no ensaio “Morte e poesia: diálogos entre ausências e excessos”. Os poemas de Ernesto Manuel de Melo e de Arnaldo Antunes operam com a “instabilidade de significações de todos os códigos

possíveis”. O lúdico torna-se o espaço limite para a representação da impossibilidade e da incomunicabilidade da poesia.

Narrar o que não se pode narrar: pelo menos três ensaios localizam como esse conflito é representado no nível dos personagens: Cleonice Paes Barreto Mourão chama a atenção para a ineficácia e a fragilidade da palavra no romance de Raduan Nassar, *Lavoura arcaica*; Nancy Maria Mendes explica como a ausência de comunicação pode promover um estado de “morte em vida” no romance de Luís Giffoni, *Adágio para o silêncio*”; e Clara Rowland realiza uma minuciosa leitura de “Meu tio Iauraretê”, de João Guimarães Rosa, conto que sublinha, como poucos do autor, a indagação de seus recursos narrativos e de sua construção formal, ao promover uma estrutura que se encerra sobre si mesma, com a morte do narrador arrastando a morte da palavra.

Já o célebre conto de Herberto Helder, “Teorema” também apresenta o paradoxo de um narrador morto. O ensaio de Teresa Cristina Cerdeira descreve esse contra-senso na base dos diferentes graus de violação às “regras ficcionais”. Dentre essas destaca-se o entrelaçamento de espaços e tempos históricos diversos.

Outro contra-senso seria uma narrativa sem autor, conforme descrito por Cid Ottoni Bylaardt a respeito de *O manual dos inquisidores*, de António Lobo Antunes, romance em que se identificam algumas das figurações da morte em literatura, segundo Blanchot. Uma delas vem da própria natureza da palavra simbólica, cujo objetivo é “sua própria possibilidade em sua insuficiência representativa, em sua falta essencial” (p.19). Falta que não pode ser suprida, tornando o símbolo incompreensível em sua essência.

Tal paradoxo, que tem regido as análises referidas até aqui, permeia as leituras realizadas pela organizadora dessas *Máscaras de Perséfone*, Lélia Parreira Duarte, no ensaio central do volume: “A morte e o saber da escrita em textos da literatura portuguesa contemporânea”. Aqui, além de expostos os princípios que regem o referido grupo de pesquisa, é feito um detido panorama de textos da literatura portuguesa em torno do tema da morte. Não mais preocupada em postular a verdade ou afirmar-se ideologicamente, a ficção portuguesa recente tem se mostrado comprometida sobretudo em “desestabilizar significações”: uma prosa que não fala de utopias, que não propõe saída para a crise da representação, mas a problematiza.

Assim, se a literatura desestabiliza, também os ensaios da presente edição: longe de solucionarem univocamente um suposto enigma das ficções e poemas abordados, propõem focos luminosos de leitura, evidenciando procedimentos estilísticos e obsessões temáticas de determinada literatura contemporânea, uma literatura que não apenas comunica, mas inquieta, e não encontra seu fim nem sua redenção. Como aquele personagem inominável de Samuel Beckett: "É preciso continuar. Eu não posso continuar, eu vou continuar".